

A CONTEMPORANEIDADE DA METAFÍSICA PESSOAL UNAMUNIANA

Prof. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia¹ (UEPB)

Resumo:

*A constante preocupação unamuniana era o dilema de sua personalidade, era a busca de ser todo um homem e deixar isto como legado para a humanidade. Tal postura vital já nos lança inevitavelmente em sua metafísica pessoal. Sabendo que as palavras na obra unamuniana são retiradas de seus significados desgastados pelo uso cotidiano e despontam novos sentidos, muitas vezes a partir da própria origem vocabular revisitada, o presente trabalho objetiva investigar o que seria a metafísica pessoal unamuniana. Cabe primeiramente a pergunta sobre o que vem a ser a metafísica. Muitos filósofos responderam a esta questão, apontando os mais diversos caminhos. Não se trata aqui de apresentar uma história dos empregos do termo metafísica, mas de tentar sentir/pensar o que seria a metafísica pessoal unamuniana, tomando como base principalmente o texto do autor *Y va de cuento*, inserido no livro *El espejo de la muerte*.*

PALAVRAS-CHAVE: UNAMUNO, CONTEMPORÂNEO, METAFÍSICA.

1 Introdução

Em pleno século XXI, por que ainda estudamos autores de diversos séculos anteriores, tão antigos e, supostamente, tão distantes de nosso tempo? O que suas obras ainda teriam a nos dizer? Sabendo que o não “atual” continua instigando-nos, vale questionarmos se de fato a escrita distante de nosso tempo cronologicamente implica uma não atualidade. Miguel de Unamuno direciona esta questão com a seguinte constatação: “El entretenerse en lo que se llama cuestiones de actualidad, palpitantes, de urgencia, suele ser no querer afrontar las de actualidad permanente¹” (UNAMUNO, 1972, p. 167). Então haveria uma atualidade permanente em oposição a uma mera atualidade? Acreditando que a obra do pensador espanhol Miguel de Unamuno se insere no que o próprio autor chama de *atualidade permanente*, podemos dizer que Unamuno é nosso contemporâneo. Ainda que tenha vivido da segunda metade do século XIX ao início do século XX, Miguel de Unamuno, tendo sido em sua época *todo um homem* (terminologia do próprio autor), permanece sempre atual. Com suas angústias e

¹ “O entreter-se no que se chama questões de atualidade, palpitantes, de urgência, costuma ser não querer afrontar as de atualidade permanente”.

inquietações, ousou dizer o que pensava e defender sua pátria conforme julgasse adequado, arriscando-se frequentemente em tempos ditatoriais. Vivendo constante drama íntimo, manifesta em suas obras o que chamamos de sua metafísica pessoal.

2 A metafísica pessoal unamuniana

O vocábulo *metafísica* é formado pelo prefixo grego *meta* e pelo substantivo *física*. Começamos pelo substantivo, ou seja, pelo que é substancial, central. Segundo o Dicionário da Real Academia Española (2001), a *física* se refere à ciência que estuda as propriedades da matéria e da energia. Trazendo para a nossa abordagem, atrevo-me a tomar a física propriamente unamuniana como o que estuda a matéria “homem de carne e osso” e a sua energia, únicas possíveis de serem sentidas-pensadas e desde a qual podemos falar. Eis o núcleo da filosofia-poesia unamuniana, conforme ele tantas vezes explicitou em suas obras. Mas como a anteposição de *meta* ao substantivo altera seu significado?

Aceita-se comumente que a metafísica se encarregará daquilo que está além da física, já que *meta* expressa justamente “além de”. Mas este prefixo esgota seu sentido em dita dimensão espacial? Vejamos.

Evanildo Bechara (2004), ao apresentar-nos os prefixos gregos no capítulo de sua gramática sobre formação de palavras, escreve: “metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia” (p. 369). Deste modo, o gramático desconsidera uma ultrapassagem espacial (sinalizada por *além de*) e apresenta uma dimensão temporal² (dada pela ideia de sucessão), além de transformativa (apontada pelo termo *mudança*). Vale confrontar as noções apresentadas ao que encontramos no Dicionário da Real Academia Española (2001), segundo o qual o prefixo *meta* significa “*junto a, después de, entre o con*”. Então, a Metafísica poderia ser entendida ao menos em quatro sentidos, considerando o exposto até aqui: 1.o- como o que está além da Física, 2.o- como o que vem depois da Física, 3.o- como o que transforma a Física, 4.o- como o que está junto da Física ou entre esta.

Não bastando a complicação feita até agora, pergunto-me por *meta*, tendo como referência o vocábulo *metalinguagem*. E há consenso: metalinguagem é a linguagem que se usa para falar da linguagem. Neste caso, *meta* não sinaliza nem além, nem depois, nem o que transforma nem exatamente o que está junto ou entre, mas sim um desdobramento do termo que lhe segue. É como se o prefixo *meta* duplicasse o substantivo *linguagem*, esta duplicada para voltar-se sobre si mesma, para pensar-se. O mesmo movimento ocorre com os vocábulos *metalinguística*, *metapoesia*, *metapoema* e *metateatro*, por exemplo.

² Dimensão esta iniciada por Aristóteles, quando publica uma série de livros após os oito livros da *Física*, ainda que o termo “metafísica” tenha sido o nome dado por Andrônico de Rodes no século I a.C. (*apud* MORA, 2001, p. 467).

Assim, quando interpreto a expressão *metafísica pessoal* para caracterizar a obra de Unamuno, penso em metafísica como uma fusão de vários movimentos incitados pelo prefixo *meta* no homem de carne e osso enquanto matéria e energia física. Portanto, creio que a metafísica unamuniana se perfaz com a duplicação (ao menos) do homem, em forma de diálogos / monodialogos para que este pense sua condição: como aquele que não é só um corpo (primeiro sentido: além da física), como um ser mortal (segundo sentido: o que vem depois da Física, daí a angústia incessante de Don Miguel), como aquele que está sempre transformando-se (terceiro sentido), junto e entre outros homens (quarto sentido), já que o convívio social é imprescindível para a vida humana.

Nada mais pessoalmente unamuniano que a fusão de várias direções. O prefixo *meta*, como visto, encarna esta fusão e funda a filosofia-poesia de Miguel de Unamuno como sua metafísica pessoal. Sendo a metafísica pessoal o fundamento da obra unamuniana, cabe ver mais de perto um texto do pensador espanhol para adentrar dita metafísica. Vejamos *Y va de cuento*.

O mencionado conto é o último do livro *El espejo de la muerte* (nome também do primeiro conto da coletânea). Se a abertura do livro se dá com a história trágica de uma jovem que “vivia sem apetite de viver e quase por dever” (*apud* UNAMUNO, 1967, p. 9), o fechamento consiste em uma moral irônica que fala sobre o término inevitável de tudo o que vive. São várias as histórias que se apresentam no decorrer do livro, envolvendo diversos personagens, mas a última tem diretamente como assunto o fazer literário, tendo como ponto de partida a experiência da própria escrita. Assim, a multiplicidade das histórias se baseia e culmina na explícita reflexão poética do autor. A diversidade dos personagens desemboca no personagem escritor Miguel de Unamuno, é como se tudo levasse inevitavelmente ao eu poético do autor. Se tudo brota de sua metafísica pessoal, também nela deságua. Tanto o ponto de partida como o ponto de chegada consistem no mesmo: na metafísica pessoal de Miguel de Unamuno, que encontra terreno fértil nos inesgotáveis “eus”. Ou melhor: sendo fundamento, sua metafísica está presente durante todo o processo de escrita, mas, a cegueira do leitor comum deste fundamento funciona como pretexto para os desdobramentos irônicos e sagazes do poeatar.

Em *Y va de cuento*, a história se tece com o pedido de um leitor a Don Miguel: que escreva e crie um herói. “A Miguel, el héroe de mi cuento, habíanle pedido uno”³ (UNAMUNO, 1967, p. 157). Ao menos dois detalhes me chamam a atenção na frase introdutória do conto. Primeiro, a apresentação do protagonista: um escritor chamado Don Miguel. O uso do seu nome próprio para o personagem-escritor de seu conto não é aleatório: em uma autorreferência desdobrada em terceira pessoa, quer-se assumir uma distância (necessária) para a compreensão não só do processo da escrita como de si mesmo enquanto homem que escreve. Sendo os personagens unamunianos filhos e pais

³ “A Miguel, o herói do meu conto, haviam-lhe pedido um”.

do próprio autor, conforme ele mesmo já declarou inúmeras vezes, são os que o criam (enquanto país) na medida em que nascem do mesmo.

Já na primeira frase do conto, reúnem-se os três agentes-possuídos do poético: o autor (daí “mi cuento”), o personagem heróico Miguel e o leitor que fez o pedido. O elo entre os três se faz na condição de herói. O personagem não está separado dos outros por sua condição heróica (como talvez deixasse subentender o pedido do leitor), mas se une ao leitor e autor justamente pelo heroísmo. “Era, pues, héroe mi Miguel, a quién le pidió Emilio un cuento, y era héroe mi Emilio, que pidió el cuento a Miguel”⁴ (UNAMUNO, 1967, p. 157). Pronto: agora o leitor também tem nome: Emílio, o que enfatiza a metafísica de Miguel de Unamuno, que não se dirige à massa, mas a pessoas⁵. A especificidade do leitor-personagem deixa nítido que se trata sempre de uma metafísica **pessoal**. Afinal, não seria possível fazer um herói sem que este fosse, em primeiro lugar, uma pessoa, com um nome, com identidade, com querer (daí a solicitação de Emílio), portanto, com entranhas. “No es el héroe otra cosa que el alma colectiva individualizada, el que por sentir más al unísono con el pueblo, siente de un modo más personal”⁶ (UNAMUNO, 1945, p. 75).

Destacamos, pois, que personagem, leitor e autor sentem “de um modo mais pessoal”, já que seus sentimentos estão mais “ao unísono com o povo”. É-se herói no sentimento coletivo individualizado, no sentir no mais íntimo de sua pessoa o que sentem todos. Mas o que necessariamente é sentido por todos? A morte. A morte é, simultaneamente, o que há de mais universal e de mais singular, já que se apodera de todos, mas cada um a sente pessoalmente. Sentindo, portanto, a morte universal mais pessoal e profundamente, o herói se faz como o próprio espelho da morte. Não há como escapar, a dose é tripla: autor, personagens e leitor, constituindo-se verdadeiramente como tais, ou seja, como criadores e criados, espelham a morte.

No ato da criação, eis o verbo, a linguagem, a palavra (passagem bíblica diversas vezes mencionada e comentada por Unamuno). Na palavra escrita, mortifica-se o movimento da fala, faz-se da palavra cadáver, mas que ganha nova vida com a leitura. É quando o personagem recobra sua vida. Espelho da morte, então, por estar sempre implicando morte e vida. Morte enquanto palavra escrita, mas vida quando é devolvida ao movimento da oralidade com a leitura.

⁴ “Era, pois, herói meu Miguel, a quem lhe pediu Emilio um conto, e era herói meu Emilio, que pediu o conto a Miguel”.

⁵ Este procedimento se repete em inúmeros textos unamunianos. Até mesmo nas dedicatórias de seus livros, o autor espanhol opta por escrever *al lector*, singularizando-o ao determiná-lo.

⁶ “Não é o herói outra coisa que a alma coletiva individualizada, aquele que por sentir mais ao unísono com o povo, sente de um modo mais pessoal”.

Autor e leitor, por sua vez, também estão implicados com a morte. “El lugar -o, sobre todo, el tener lugar- del poema no está [...] ni en el texto ni el autor (o en el lector): está en el gesto en el cual el autor y el lector se ponen en juego en el texto y [...] infinitamente se retraen”⁷ (AGAMBEN, 2005). No jogo autor-leitor sempre há algo não dito. No gesto de ausência, ora de um, ora de outro, o vazio tem seu lugar garantido. E encontra-se nesta abertura do nada (onde o poético se resguarda) a morada fixa do espelho da morte. Todos (personagem, autor e leitor) ocupam temporariamente este espaço inesgotável deixado pelo literário-poético.

3 Conclusão

Atrevo-me a dizer, seguindo os passos de Don Miguel, que autor, leitor e personagem são um. Fazer-se e sentir-se estes triplica o espelhar mortal, intensificando-o, mas é justamente aí quando a vida também se intensifica. É no reflexo incessante da morte que a vida pode ganhar mais força. “El segundo nacimiento, el verdadero, es nacer por el dolor a la conciencia de la muerte incesante, de que estamos siempre muriendo”⁸ (UNAMUNO, 2007, p. 248-249). “¿Cómo sabe uno que tiene un miembro si no le duele?”⁹ (UNAMUNO, 2007, p. 250). É, pois, na consciência dolorosa da morte que o apego e o amor à vida se aprofundam.

Usando seus personagens como pretexto para a manifestação de sua metafísica pessoal, Miguel de Unamuno quer confundir e inquietar. Buscando aprofundar a angústia mortal ao espelhá-la insistentemente, o pensador hispânico quer fazer de sua escrita obra vital. Propondo-se a abalar a lógica tradicional ficcional, Unamuno nos convida a sermos não só leitores, mas também autores e atores em uma dinâmica de reflexos especulares que se encontram na condição heróica. Clamando por novos heróis, chama-nos para vivermos sua/nossa metafísica pessoal, não nos preocupando com preconceitos nem deixando que a cogitação do fim nos imobilize, mas tão somente nos permitindo sempre uma nova história. *Y va de cuento*. Considerando que a expressão em espanhol é usada para dar início a uma narração, o término do livro *El espejo de la muerte* com um conto que tem como título a “deixa” para iniciar um relato não é em vão. Na retomada do iniciar ao final da obra, Unamuno sinaliza a necessidade de sempre recomeçar. Por mais que tudo pareça desanimador, o reinício pode despertar novos horizontes. Eis o legado daquele que viveu os primórdios da guerra civil espanhola. Eis

⁷ “O lugar – ou sobretudo o ter lugar – do poema não está [...] nem no texto nem no autor (ou no leitor): está no gesto no qual o autor e o leitor se põem em jogo no texto e [...] infinitamente se retraem”.

⁸ “O segundo nascimento, o verdadeiro, é nascer pela dor à consciência da morte incessante, de que estamos sempre morrendo”.

⁹ “Como sabe alguém que tem um membro se não lhe dói?”

sua contemporaneidade, atualidade permanente sempre a questionar e apontar outros caminhos.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática brasileira*. 37.ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Diccionario de La Real Academia Española. Madrid: Real Academia, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2008.

MORA, José Ferrater. *Unamuno: Bosquejo de uma filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

_____. *Dicionário de Filosofia*. 4.ed. Trad. Roberto Leal Ferreira e Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

UNAMUNO, Miguel de. *Abel Sánchez: una historia de pasión*. 4.ed. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1947.

_____. *Alrededor del estilo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.

_____. *Antología poética*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1946.

_____. *Cómo se hace una novela*. 1.ed. Madrid: Cátedra Letras Hispánicas, 2009.

_____. *Do sentimento trágico da vida*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *El Caballero de la triste figura*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.

_____. *El espejo de la muerte*. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

_____. *Mi religión y otros ensayos breves*. 7.a ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

_____. *Monodialogos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1972.

_____. *Névoa*. Trad. José Antônio Ceschin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *Niebla*. Introducción de Ana Suárez Miramón. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

_____. *Obras completas*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1958. v. 1.

_____. *Obras completas*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1952. v. 5.

XIII Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
Campina Grande, PB

_____ *Obras completas*. Madrid: Afrodísio Aguado, 1958. v. 8.

_____ *Obras completas*. Madrid: Afrodísio Aguado, 1958. v. 9.

_____ *Recuerdos de niñez y de mocedad*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

ⁱ **Cristiane CORREIA, profa. Dra.**
Universidade Estadual da Paraíba.
cristianeagnesc@gmail.com